

AS MANIFESTAÇÕES DE INTERTEXTUALIDADE ENTRE “O CASO DOS DEZ NEGRINHOS” E “ASSASSINATOS NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.”

Allison Guimarães Andrade¹, Prof^a MSc. Regiane Magalhães Boainain²

¹UNITAU/FCSL, Rua Visconde do Rio Branco, 210, agandrade@univap.br

²UNITAU/FCSL, Rua Visconde do Rio Branco, 210, magalhaes.re@ig.com.br

Resumo: O romance policial clássico possui um modelo de estruturação textual rígido, que foi formulado durante o século XIX na Europa e posteriormente difundido para o restante do mundo. Este modelo ortodoxo de romance policial é marcado pelo predomínio da razão e tem como temas centrais crimes, e sua posterior investigação, conduzida por um detetive, sendo que os fatos referentes a esta investigação são apresentados no desenrolar da narrativa. E Jô Soares, resgatando toda esta tradição, promove uma ressignificação deste tipo de romance através da paródia predominantemente, da alusão e da citação em segundo plano, atualizando-o para um contexto literário pós-moderno, e assim promovendo a inserção deste gênero tão consagrado pelas mãos de Agatha Christie, no interior da historiografia nacional.

Palavras-chave: Romance policial, paródia, Agatha Christie, Jô Soares.

Área do Conhecimento: Lingüística, Letras e Artes.

Introdução

A literatura contemporânea é um segmento artístico multifacetado, pois consegue congrega em seu interior uma multiplicidade de tendências artísticas do passado e mais recentes, promovendo uma recontextualização destes referenciais artísticos de outrora.

E a intertextualidade, especificamente a paródia, é o procedimento pelo qual Jô Soares em seu romance resgata esta tradição literária policial. Além disso, é importante citar o fato de que ambas as obras analisadas neste artigo pertencem à chamada literatura de massa, porém o valor literário atribuído a cada uma delas se dará por meio das relações intertextuais, que as aproximam esteticamente.

E é esta comunicação intertextual entre as obras, que demonstra o interesse de manter vivo um gênero literário já revisitado, por exemplo, por Rubem Fonseca na literatura brasileira da década de 1970 e que, na atualidade, volta ao cenário literário através das mãos de Jô Soares, responsável pela atualização deste gênero literário na contemporaneidade.

E é baseado fundamentalmente nos referenciais teóricos de paródia e romance policial propostos por Linda Hutcheon (1985), Todorov (2004) e Medeiros e Albuquerque (1979) respectivamente, que o presente artigo tem como objetivo refletir sobre como a intertextualidade se estabelece entre o romance “O Caso dos Dez Negrinhos” (1976), de Agatha Christie e o romance “Assassinatos na Academia Brasileira de Letras” (2005), de Jô Soares, tendo como princípio o fato de ambos pertencerem ao gênero policial.

Metodologia

Para atender ao objetivo deste artigo, a pesquisa bibliográfica será usada como método a fim de apresentar uma revisão da literatura específica sobre os conceitos a serem utilizados como alicerce para as reflexões apresentadas neste estudo.

Resultados

Com base no referencial teórico proposto anteriormente nesta pesquisa, o foco das reflexões a serem feitas a seguir compreenderá algumas considerações responsivas acerca das marcas de intertextualidade presentes entre os romances “O Caso dos Dez Negrinhos”, (1976) de Agatha Christie e “Assassinatos na Academia Brasileira de Letras”, (2005) de Jô Soares.

Para tanto, é relevante pontuar três aspectos característicos das obras, que serão analisadas, e servirão de eixo central para a análise do corpus propriamente dito. A primeira é o fato de ambos os romances enfocados pertencerem à chamada literatura de massa, termo apresentado por Sodré (1988), pois as obras escolhidas relegam para segundo plano o caráter estético do texto literário e destacam uma característica bastante comum na maioria dos textos pós-modernos, que é a função de entretenimento atribuída pela sociedade de consumo à obra de arte, neste caso, ao texto literário.

O segundo aspecto diz respeito ao fato das obras selecionadas pertencerem ao gênero policial, característica primeira que interliga os dois

textos, e constitui a linha de raciocínio central das considerações, que serão tecidas nesta análise. Embora o romance de Agatha Christie esteja mais atrelado a um modelo tradicional de produção de romance policial, Jô Soares promove uma ressignificação mais densa de alguns aspectos deste modelo tradicional, pois ele, como autor, está sujeito às interferências históricas, culturais e artísticas da contemporaneidade e estes fatores externos à sua obra influenciam-no na produção dela e no processo de releitura da tradição do romance policial.

O terceiro aspecto corresponde à natureza dialógica inerente a qualquer texto literário, sendo um mecanismo de produção literária, porque nenhum escritor produz sua obra sem que ela apresente remissões a uma tradição artística preexistente e isso, a partir de uma leitura superficial do corpus desta pesquisa, pode ser observado, por exemplo, com relação ao tipo de assassinato abordado nas obras, isto é, o assassinato em série.

Apontadas estas diretrizes, partir-se-á para a análise das obras literárias citadas inicialmente, tendo sempre como foco a tradição do romance policial e as possíveis relações intertextuais existentes dentro do corpus.

Inicialmente, toda relação intertextual se constrói com a retomada de determinadas tendências passadas, feita por novos escritores, responsáveis pela ressignificação destas tendências anteriores, porque eles as inserem em um novo contexto social e cultural caracterizado por outros valores e ideologias, o que faz com que a obra seja ressignificada. E Jô Soares, no romance em análise, promove essa ressignificação do romance policial ao retomar toda a tradição deste gênero, exemplificado aqui pela obra de Agatha Christie, por meio, principalmente, da paródia, mas também de outros tipos de relação intertextual, como a citação e a alusão.

Com relação à paródia, ela é o principal mecanismo de construção textual utilizado por Jô Soares para produzir sua obra, porque através de seu uso, ele promove uma releitura contemporânea do modelo clássico proposto por Agatha Christie, sendo uma delas o racionalismo, que permeia todo o processo investigativo acerca dos crimes em série.

Nos trechos acima transcritos, observa-se o tratamento dado por ambos os autores a uma das principais características do gênero policial: o racionalismo. Com relação ao primeiro trecho, extraído do romance de Agatha Christie, o tom racionalista é construído de maneira sóbria e rígida pela autora, pois existe um esforço e concentração por parte das personagens em favor da busca de uma solução para a série de

assassinatos, que os deixa perturbados psicologicamente, o que contribui para a instalação de uma esfera de tensão coletiva, que evidencia a necessidade de sobrevivência desejada por todos os envolvidos na investigação e que é adquirida através do levantamento de hipóteses e acusações acerca dos eventuais suspeitos e deixa patente na obra esse racionalismo clássico.

Já no que se refere ao romance de Jô Soares, esse racionalismo é explorado de outra maneira, ou seja, através da paródia, pois as deduções do detetive no decorrer da investigação são sempre mal feitas e baseadas em argumentos pouco ortodoxos, que por sua vez, contribuem para a reformulação da imagem clássica do detetive. Sendo que este fato representa uma crise do racionalismo, colocando em xeque os métodos investigativos das autoridades policiais.

Outra característica do gênero policial clássico recontextualizada por Jô Soares, também através da paródia, é a figura do detetive, peça essencial na produção de um romance policial.

Esta interpretação pode ser sustentada, porque ele age friamente e analisa criticamente todos os suspeitos e levanta hipóteses racionais a respeito dos possíveis candidatos a criminoso.

Com relação ao detetive construído por Jô Soares, este padrão de comportamento não se verifica em Machado Machado, pois, novamente utilizando a paródia, ele recontextualiza a figura do detetive, atribuindo-lhe uma postura mais despreocupada e menos austera com relação ao andamento das investigações, chegando até a se envolver intimamente com os interrogados, o que denota falta de profissionalismo de uma autoridade policial. Isso ocorre porque Jô Soares se propõe a romper as convenções do romance policial para estabelecer novas diretrizes de construção deste gênero mais alinhadas à nova realidade social e cultural da sociedade pós-moderna, e ao fazer isso, utilizando como recurso a paródia, ele, ao mesmo tempo, que promove uma ruptura com o modelo tradicional, também contribui para sua perpetuação, pois insere esta nova proposta de produção do gênero dentro de uma linha cronológica já iniciada outrora por outros autores.

Ainda a respeito do detetive, vale ressaltar outro aspecto de sua caracterização, que também foi ressignificado por Jô Soares: a participação decisiva de Galatea para o sucesso das investigações acerca dos assassinatos seriados, pois enquanto Machado Machado conduzia o inquérito auxiliado só por Penna-Monteiro, não havia sucesso no que se refere às pistas sobre o criminoso.

A inserção desta assistente feminina em vez de uma figura masculina assumindo esta posição de

assistência demonstra outra ruptura promovida na caracterização do detetive clássico, pois aproxima a mulher do homem em nível hierárquico social, defendendo uma condição mais igualitária entre ambos os sexos. Além disso, o autor também promove a feminilização de uma categoria profissional essencialmente dominada pelo homem, porque Galatea passa a se envolver efetivamente com as investigações e consegue organizar as informações coletadas por Machado Machado e criar uma linha de raciocínio, que os levou ao assassino dos acadêmicos, o que demonstra o comportamento típico de um policial competente para encontrar a solução de um crime.

Há ainda um terceiro aspecto da obra de Jô Soares, que parodia o modelo tradicional de romance policial, exemplificado aqui pelo romance de Agatha Christie, a linguagem utilizada pelo escritor brasileiro para a escritura de seu texto.

Acerca da linguagem do romance policial convencional, ela se caracteriza por um possuir um tom sóbrio, tanto para o narrador quanto para as personagens, que se deve ao fato da investigação ser conduzida pelos princípios da razão, a qual é objetiva e rígida em seus pressupostos e julgamentos e isso transparece também na linguagem utilizada por Agatha Christie para construir os episódios narrativos de seu texto e a fala das personagens.

Com relação ao romance de Jô Soares, a linguagem é outro elemento recontextualizado por ele do gênero policial clássico, pois ao integrar este gênero à historiografia literária brasileira, o romance policial tem seu vocabulário expandido, contemplando também expressões lingüísticas peculiares à fala do brasileiro, além de referências a tradições e eventos históricos específicos do Brasil, que têm o intuito de nacionalizar um gênero originalmente estrangeiro.

Inclusive, esta linguagem ressignificada por Jô Soares não foi pensada ao acaso, porque por meio dela, fica patente uma característica específica das diversas produções artísticas dele e atualmente também presente em seus romances: o humor. É por meio da linguagem tão peculiar das personagens, que sua veia humorística se destaca e provoca o riso em seus leitores, evidenciando uma das principais características desta literatura de massa produzida na contemporaneidade, que é a função de entretenimento ligada à produção literária em geral, embora haja exceções neste segmento artístico posto em análise nesta pesquisa.

No que se refere às características do gênero policial clássico parodiadas por Jô Soares em seu romance, as mais evidentes foram discutidas até este momento, porque a paródia é o recurso intertextual mais presente no decorrer de sua obra, embora não seja a única estratégia intertextual

existente no seu texto, que abrange também a citação e a alusão. Com relação a estes tipos específicos de intertextualidade, eles não fazem remissões diretas ao romance de Agatha Christie, conforme tem acontecido até agora, porém estabelecem relações com a tradição do gênero policial clássico.

A primeira destas relações intertextuais, a citação, é conceituada por Paulino, Walty e Cury (1997) como a retomada evidente e até literal de um texto dentro de outro texto.

Esta citação presente neste fragmento do romance remete ao mais famoso detetive da história do gênero policial, Sherlock Holmes, e seu companheiro de trabalho, Dr. Watson, personagens idealizados por Arthur Conan Doyle, escritor inglês do século XIX.

A citação reforça ainda mais o evidente diálogo que Jô Soares estabelece com o modelo clássico de romance policial. Além de evidenciar sua predileção por este tipo de gênero literário e as temáticas abordadas por ele e também demonstrar certo apuro estético com relação à construção de seu romance policial, pois mostra que Jô Soares está ciente desta tradição romanesca e conhece seus instrumentos de construção literária e textual, fato que permite a flexibilização das características do gênero, de modo a explicitar marcas peculiares de sua escritura literária.

No que se refere à utilização da alusão como estratégia intertextual, que é conceituada por Paulino, Walty e Cury (1997) como uma simples menção a um texto anterior ou a um elemento dele. Jô Soares recorre a este tipo de intertextualidade inúmeras vezes no decorrer de seu romance.

A alusão tem o objetivo de ironizar o cargo do personagem Machado Machado, através de uma menção a toda uma linhagem de detetives e também seus métodos e sucessos alcançados até este momento acerca da investigação dos crimes.

O tom irônico se justifica porque Fantômas é um personagem fictício da literatura francesa, responsável pela realização de diversos crimes caracterizados pelo horror e pela crueldade e são estas características que estabelecem um contraponto irônico entre o comportamento de Machado Machado e o de Fantômas, ou seja, a finalidade desta ironia é deturpar a imagem do bem, representado pela figura de Machado Machado, ligando-o a um personagem representante do mal e consequentemente pondo em dúvida sua conduta profissional.

Essa duplicidade de valores evidenciada por meio da comparação entre os dois personagens é uma maneira de retratar a natureza maniqueísta do ser humano, que serve de alicerce para a explicitação do conflito original: a luta entre o bem e o mal, a qual norteia todas as produções

artísticas do homem, inclusive a produção de romances policiais. A representação destes valores tão antagônicos vigora em todos os segmentos artísticos porque eles são a essência do ser humano, retratada em forma de arte.

Por fim, Jô Soares, através da utilização destes recursos intertextuais, promove uma releitura do gênero policial tradicional, aqui exemplificado pelo romance de Agatha Christie, além de inseri-lo na historiografia literária brasileira e atribuir-lhe elementos característicos da identidade do brasileiro, promovendo uma nacionalização do romance policial.

Discussão

A partir das reflexões apresentadas na sessão anterior deste artigo, pode-se perceber a importância da paródia nas obras de Jô Soares, como principal instrumento de ressignificação do gênero policial e que permitiu a inserção deste gênero europeu num contexto artístico brasileiro pós-moderno.

Essa recontextualização, promovida por Jô Soares, redefiniu este gênero literário, atribuindo-lhe características próprias da produção literária brasileira mais recente que atendem aos desígnios do público consumidor desta literatura de massa produzida na atualidade.

Por isso, elementos sexuais e violentos são explorados constantemente em suas obras, mas sempre em tom de deboche, e até mesmo irônico, a fim promover o riso e atender às necessidades de entretenimento de seus leitores.

Porém, mesmo que os romances de Jô Soares sejam rotulados como literatura comercial, por trás deste ar de sarcasmo e de ironia, está camuflada uma séria crítica às instituições sociais brasileiras, que só pode ser detectada se o leitor possuir um olhar crítico e reflexivo acerca da sua realidade social e cultural.

Conclusão

Finalizadas as reflexões a respeito da natureza do corpus escolhido para a elaboração desta pesquisa, ainda é relevante tecer algumas considerações, a fim de sintetizar as reflexões apontadas durante a sessão anterior deste artigo.

Inicialmente, a primeira constatação acerca do corpus analisado é a importância da paródia para a construção do romance de Jô Soares, posto em comparação ao de Agatha Christie, já que ela é uma escritora presa aos moldes clássicos no que se refere à elaboração de romances policiais e Jô Soares, por meio desse procedimento intertextual, predominantemente, promove uma releitura do gênero policial clássico, exemplificado aqui por meio do romance de Agatha Christie.

Ainda a respeito do uso da paródia como principal recurso intertextual utilizado por Jô Soares em sua obra, ela se manifesta principalmente em alguns elementos do romance, como na figura do detetive, que se caracteriza por ser um homem pouco racional em suas deduções e também por se envolver emocionalmente com os suspeitos durante a investigação ao contrário do Juiz Wargrave, personagem mais fidedigno ao modelo clássico. Este comportamento do detetive Machado Machado é uma recontextualização do tom racionalista comum nos modelos clássicos e que é ressignificado com o objetivo de provocar o riso no leitor.

Um segundo elemento parodiado foi a inserção de Galatea como assistente durante parte das investigações, que tem o intuito de promover uma releitura da tradicional parceria masculina, existente em determinado momento no romance de Agatha Christie, além de pretender tornar mais feminino um universo profissional tão masculino.

E, por fim, o terceiro elemento recontextualizado por Jô Soares através da paródia, é a linguagem do romance, que em Agatha Christie é mais sóbria e rígida, marcada pela ausência de gírias, regionalismos e termos pejorativos. Já no texto de Jô Soares, estas estruturas lingüísticas são bem exploradas, pois são elas, que promovem a nacionalização do romance policial e permitem a existência de episódios humorísticos.

Além da paródia, a qual é um recurso intertextual predominante no decorrer do romance, conforme já foi dito anteriormente, a intertextualidade também se manifesta sob outros formatos: a alusão e a citação. No que tange à presença destes recursos intertextuais, eles ao retomarem a tradição do romance policial através de rápidas menções aos maiores clássicos deste gênero, inserem a literatura brasileira contemporânea na historiografia própria do romance policial de origem estrangeira.

Portanto, apesar dos romances de Jô Soares e Agatha Christie pertencerem ao que se denomina literatura de massa, vista de modo preconceituoso pelo universo acadêmico por causa disso, Jô Soares ressignifica o romance policial agregando-lhe elementos representativos da contemporaneidade, como por exemplo, as questões referentes à sexualidade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: Outros Conceitos-chave*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHRISTIE, Agatha. *O Caso dos Dez Negrinhos*. 8. ed. São Paulo: Circulo do Livro, 1976.

HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da Paródia: Ensinos das Formas de Arte do Século XX*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1985.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, Paulo de. *O Mundo Emocionante do Romance Policial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

PAULINO, Graça, WALTY, Ivete, CURY, Maria Zilda. *Intertextualidades: Teoria e Prática*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

SOARES, Jô. *Assassinatos na Academia Brasileira de Letras*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SODRÉ, Muniz. *Best-Seller: A Literatura de Mercado*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.